

Cenários estratégicos no túnel do tempo

Marcelo

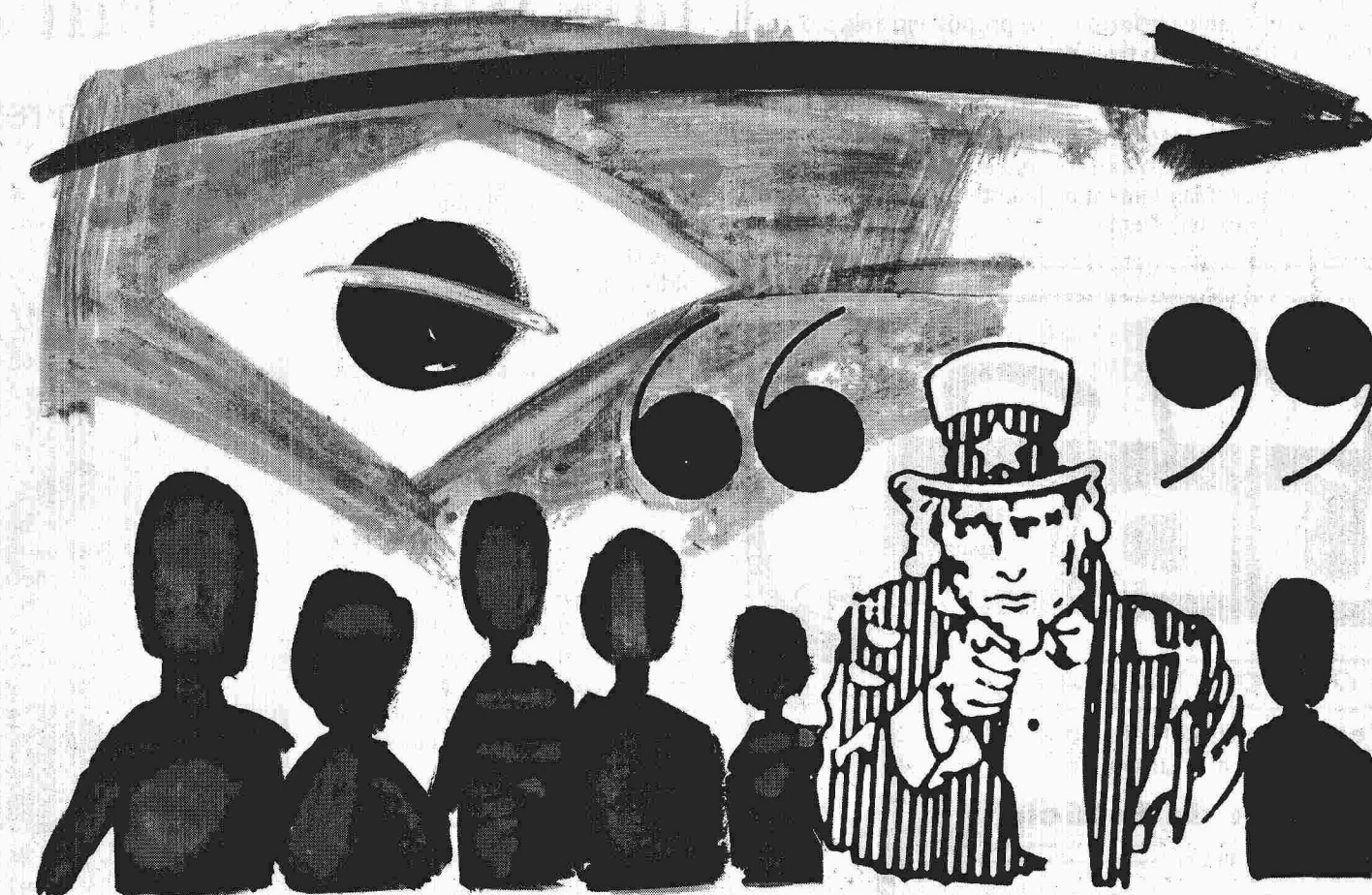
O tempo pediu ao tempo que tempo, o tempo lhe desse, para fazer, como o tempo, tudo que o tempo quisesse. *Trova cigana*

LUIZ FERNANDO DA SILVA PINTO

Ao final dos anos 60, as previsões macroeconômicas de Herman Kahn e Anthony Wiener, em livro de autoria conjunta (e grande repercussão internacional) "The Year 2000", desenvolvido no âmbito do Hudson Institute, puniram em muito o Brasil nas suas extrapolações técnicas para o início do Terceiro Milênio. Segundo aqueles autores, o Brasil no ano 2000 iria deter uma renda *per capita* de apenas 5% da americana. Previa-se uma relação de 1 (Brasil): 20,1 (EUA) nesse macroindicador, ou seja, um brutal distanciamento nosso face aos Estados Unidos — para três décadas após. Dentre os surpresos e inconformados com essa futurologia perversa, estava Mário Henrique Simonsen, que iria proceder a um conjunto de análises supercriativas, enfiadas numa magistral obra — "Brasil 2001" — onde sublinhava na abertura de seu trabalho:

"O objetivo do presente livro é o de examinar as condições para que o Brasil escape às previsões do Hudson Institute, as quais nos vaticinam crescentes atrasos em relação à renda *per capita* dos países mais prósperos. A conclusão básica da análise é a de que podemos nutrir a esperança de que os fatos desmintam essas projeções. Mas que isso, depende da nossa racionalidade e do nosso esforço, e não da simples e inerte exploração das tendências."

Trabalhando com a mesma base de dados de Kahn e Wiener, Simonsen efetuará uma análise de sensibilidade, utilizando hipóteses diferenciadas para o crescimento populacional e a expansão do PIB brasileiro, onde seriam traçados cenários equivalentes a quadros "pessimista" e "otimista" de modelagem econômica. É interessante observar que se considerarmos a média aritmética dos valores extremos ("pessimista" e "otimista"), correspondentes à renda *per capita*, identificaremos um valor extremamente próximo do que provavelmente deverá ocorrer no ano 2000 para o Brasil. Assim, no tocante a esse indicador, o valor intermediário determinado com base nas projeções de Simonsen (após atualiza-



ção da moeda dólar para os dias de hoje), seria da ordem de US\$ 5.700. É provável que no ano 2000 nos situemos em torno de US\$ 5.300.

Admitindo-se que a renda *per capita* dos EUA, para o mesmo ano, seja da ordem de US\$ 30 mil, conclui-se que a nossa relação deverá ser de US\$ 5.300: US\$ 30 mil, ou seja, 1,0 (Brasil): 5,7 (EUA), o que é bem diferente da catastrófica relação Kahn-Wiener de 1,0: 20,1. Confirmaram-se, portanto, as possibilidades analíticas assinaladas por Simonsen em 1969; seríamos competentes para bem reduzir o fosso macroeconômico demarcado por aqueles pesquisadores!

É importante observar que, em paralelo, Simonsen propunha no seu "Brasil 2001" um conjunto de ações para superar as dificuldades do país para, com certeza, buscar-se o cenário otimista de suas projeções. Os pontos-chave dessa sua reflexão — aqui expostos de forma compacta — era os seguintes: "Para es-

capar a esse círculo vicioso, cinco grandes problemas devem ser resolvidos. Primeiro, o do fortalecimento da poupança. O milagre japonês, que tanto surpreende os observadores econômicos de todo o mundo, é em grande parte o resultado de uma taxa de investimentos superior a 35% do Produto Interno Bruto. Isso nos obriga a incrementar consideravelmente o esforço de poupança, a fim de sustentar uma taxa satisfatória de desenvolvimento. Segundo, o do treinamento de recursos humanos. Vários estudos mostram que a educação e o progresso tecnológico contribuem para o desenvolvimento em escala mais importante até do que a acumulação física de capital. Terceiro, o da explosão demográfica. Dificilmente o mundo subdesenvolvido poderá diminuir seu atraso em relação ao bloco avançado sem um esforço decidido de contenção das taxas de natalidade. Um quarto problema básico é o da expansão das exportações. A fórmula do desenvol-

vimento introvertido, baseada na substituição de importações, e tolerante com a estagnação das exportações, não parece extrapolável para os próximos 30 anos. Um quinto problema é o da racionalidade econômica e administrativa. Sem a formulação de uma política adequada, consciente dos êxitos e fracassos internacionais em experiências de desenvolvimento, e sem a formação dos quadros administrativos necessários, será difícil aproveitar as oportunidades potenciais de desenvolvimento e de recuperação do atraso em relação ao clube dos ricos."

A rigor, aquelas propostas de Simonsen, numa linguagem absolutamente contemporânea e atual em estratégia de desenvolvimento, convergiam para a construção de uma densíssima "economia-tigre" concentrando os seus esforços no trinômio poupança, educação, exportação — ao lado de planejamento e racionalidade econômica. O "tigre virtual" não aconteceu. Se tivesse ocorrido

essa modelagem para o Brasil (ou estrutura assemelhável, ajustada à nossa cultura e vocação econômica), certamente a década de 80 não nos teria sido tão dolorosa e ao invés de um crescimento de 2,4% ao ano, poderíamos possivelmente termos nos posicionado na faixa de 5% a 7%, como Japão, Coréia, Cingapura, Hong Kong e China — por exemplo. Uma diferença de 4% ao ano, por hipótese, em taxas cumulativas de crescimento, traduz-se, em dez anos, pela geração de uma "enormidade" de bem-estar social e qualidade de vida, em termos adicionais!

Se por um lado a sociedade brasileira "matou a pau" as previsões de Kahn e Wiener, por outro lado não "tigramos" a nossa economia (ou ações equivalentes) na busca do cenário superior de possibilidade de desenvolvimento. Nesse contexto vale a pena voltarmos ao túnel do tempo e "revisitarmos" os pensamentos de Mário Henrique Simonsen de 30 anos atrás. Eles poderão nos ser muito úteis para a reflexão, ao objetivarmos os melhores "desenhos estratégicos" possíveis para o desenvolvimento de nosso país nas próximas décadas. A sua mensagem é direta e transparente no manejo do processo de desenvolvimento. Deveremos ser capazes de identificar os dois cenários-chave — delimitadores de um canal referencial de evolução. Um básico (pessimista, se assim o quisermos denominar) e um superior (otimista). Em seguida deveremos também ter a real competência para mergulharmos e deslizararmos no túnel do tempo, buscando lições que evitem deslocamentos equivocados e que nos auxiliem a localizar "acertos estratégicos" — informações essas que subsidiarão um somatório de providências que perseguirão, permanentemente, a aproximação do patamar (cenário) superior (otimista) considerado, nos afastando o mais que pudermos do quadro crítico inferior (pessimista). Dentro desse disciplinamento estratégico, concentra-se uma boa parte do processo integrado de condução das ações do crescimento econômico de um país. Nesse sentido e nesse contexto o "Brasil 2001" constitui-se numa histórica aula magna, absolutamente atual!

LUIZ FERNANDO DA SILVA PINTO é consultor em gestão estratégica.